

Conversão fica difícil

O ministro da Fazenda, Maílson Ferreira da Nóbrega, ganhou um poderoso aliado dentro da sua meta de alterar o programa da conversão da dívida externa em investimento de risco, que provoca uma forte expansão monetária: o ex-ministro Mário Henrique Simonsen, que integra o conselho do Citicorp, holding do Citibank, o maior credor privado da dívida brasileira.

“O governo poderia retardar o reembolso dos cruzados por um prazo, por exemplo, de seis meses”, defendeu Simonsen em conversa com os jornalistas, logo após participar do Fórum Nacional: Idéias para a Modernização do Brasil. Simonsen, um dos maiores entusiastas da conversão, tentou, depois, minimizar o impacto da sua declaração, esquivando-se de responder sobre os efeitos negativos do programa, que obriga o Banco Central a emitir grandes somas de cruzados como contrapartida dos dólares que são abatidos do débito externo, cada vez que ocorre um leilão de conversão nas bolsas de valores.

Privatização — Simonsen receitou a privatização de uma boa parte do setor siderúrgico — não especificou qual a abrangência —, um segmento no qual o governo controla 73%. Admitindo, em entrevista, que as empresas privadas poderiam ter dificuldades em participar de um programa tão ambicioso, o ex-ministro da Fazenda e do Planejamento defendeu a coligação dos grupos.

No raciocínio de Simonsen, que falou sobre “A conta-corrente do governo — 1970/1988”, a privatização é o melhor caminho para o governo buscar recursos. “Não deve ser feita por razões ideológicas ou de eficiência, mas porque a poupança do governo não dá mais”, diagnosticou. Para sustentar a sua fórmula, o economista revelou que a poupança do setor público despencou de 6,12% do PIB, em 1970, para um percentual negativo de 1,93%, neste ano.